

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE-UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU-CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS-DL**

ROSIANE DE MEDEIROS SOARES

**A QUEBRA DA HISTÓRIA ÚNICA EM *QUARTO DE DESPEJO*, DE CAROLINA
MARIA DE JESUS**

PATU/RN
2021

ROSIANE DE MEDEIROS SOARES

**A QUEBRA DA HISTÓRIA ÚNICA EM *QUARTO DE DESPEJO*, DE CAROLINA
MARIA DE JESUS**

Monografia apresentada a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Luis Eduardo Veloso Garcia.

2021© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

S676q Soares, Rosiane de Medeiros
A quebra da história única em Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jeus. / Rosiane de Medeiros Soares. - Patu, 2021.
39p.

Orientador(a): Prof. Dr. Luis Eduardo Veloso Garcia.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Quarto de Despejo; Carolina Maria de Jesus; História alternativa. I. Veloso Garcia, Luis Eduardo. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III.
Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

Ao Maravilhoso e Soberano Deus!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao meu Deus que me deu coragem e força para chegar até aqui, pois sem ele a realização desse trabalho não seria possível, toda honra e glória seja dada a Ele.

Agradeço aos meus pais, Maria Rosileide de Medeiros e José Soares Neto, minha família, que estão sempre comigo, torcendo sempre pelo meu melhor, para que eu conquiste os meus objetivos.

Agradeço ao meu querido orientador, professor Luis Eduardo por ser tão atencioso e gentil, acreditando em mim e em meu projeto, que graça tê-lo conhecido e ter sido sua orientanda, por todo apoio, incentivo e suporte, serei eternamente grata por tudo.

Agradeço a Lailsa Ribeiro, pela dedicação e cuidado que teve comigo, através dela iniciei os estudos dessa obra tão rica, objeto de estudo do meu trabalho. Agradeço por fazer parte da minha banca, e contribuições feitas a este trabalho. Guardarei com carinho e serei sempre grata pela confiança que depositou em mim.

Agradeço a Annie, professora querida, por todo seu conhecimento compartilhado em suas aulas de Literatura, no Clube do Livro, sempre com um sorriso no rosto, por me ajudar com suporte nas questões acadêmicas, por cada palavra de incentivo e apoio, por fazer parte da banca examinadora, sou muito grata.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte de minha trajetória universitária, por cada ensinamento compartilhado, palavras de apoio, pois cada um deles, foram fundamentais em todo o processo e em cada etapa concluída.

Agradeço minhas amigas e amigos, que convivem comigo, que se importam e torcem por mim.

Aos amigos e colegas de turma Adiel e Jessé Carvalho pelo companheirismo e pelo apoio que me deram durante a trajetória da faculdade, a Ângela, Natália, pelos trabalhos realizados em grupo, serei eternamente grata.

As colegas Ana Cristina e Lanna, pelas experiências compartilhadas durante os períodos dos estágios supervisionados, onde vivenciamos momentos de

dificuldades, pelas conversas nos intervalos das aulas e por superarmos com êxito, essa etapa tão importante.

A colega Ana Paula, com a qual tive o prazer de participar da escrita de um artigo de literatura untas, no período final da faculdade e que nesse projeto nasceu uma amizade, que guardo com carinho.

Agradeço aos demais colegas que torcem por mim e a todos os familiares que de alguma forma fizeram parte da minha trajetória.

O saber a gente aprende com os mestres e os livros. A sabedoria se aprende é com a vida e os humildes.

Cora Coralina

RESUMO

A pesquisa do objeto de estudo apresentado é sobre a obra *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus, publicada em 1960, na qual retrata o drama cotidiano de uma catadora de lixo, moradora do bairro Canindé em São Paulo, suas andanças entre a favela e a cidade em busca de sobrevivência e sustento para os seus filhos. Inconformada com o ambiente social que a narradora-protagonista vive, ela decide escrever um livro, em forma de um diário sobre seu dia a dia e as injustiças e invisibilidade sofridas por ela, sua família e seus semelhantes. Este trabalho tem como objetivo geral analisar a invisibilidade da obra de Carolina e os aspectos da forma que ela consegue vencer a “história única” que impõem a ela, termo estudado por Chimamanda Ngozi Adichie no texto “O perigo de uma única história”, dando a possibilidade de “humanizarmos” uma experiência de vivência dinâmica, como deseja o teórico Antonio Candido em suas obras “Literatura e a Formação do Homem” e “O Direito a Literatura”, tão necessária. Portanto, buscaremos aqui analisar a obra de Carolina Maria de Jesus pelo viés apresentados nas teorias de Candido e Chimamanda.

Palavras chaves: Quarto de despejo; Carolina Maria de Jesus; História alternativa.

ABSTRACT

The research of the object of study presented is about the work "Quarto de despejo" by Carolina Maria de Jesus, published in 1960, in which it portrays the daily drama of a garbage collector, resident of the Canindé favela, in São Paulo, and her wanderings between the favela and the city in search of survival and sustenance for their children. Dissatisfied with the social environment in which the author-character lives, she decides to write a book, in the form of a diary, about her daily life and the injustices and invisibility suffered by her, her family and her peers. This work aims to analyze the invisibility of Carolina's work and the aspects of the way she manages to overcome the "unique story" that they impose on her, a term studied by Chimamanda Ngozi Adichie in the text "The danger of a single story", giving the possibility of "humanizing" an experience of dynamic living, as theorist Antonio Candido wishes in his works "Literatura e a Formação do Homem" and "O Direito a Literatura", which is so necessary. Therefore, we will seek here to analyze the work of Carolina Maria de Jesus through the bias presented in the theories of Candido and Chimamanda.

Keywords: Quarto de despejo; Carolina Maria de Jesus; Alternative story.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 CAPÍTULO 1: CAROLINA MARIA DE JESUS E A TEORIA QUE CONVERSA COM ELA.....	14
2.1 CAROLINA MARIA DE JESUS: PARA ALÉM DAS PANEAS E FOGÕES.....	15
2.2 O PERIGO DE UMA HISTÓRIA ÚNICA SOBRE A MULHER NEGRA.....	20
2.3 A BUSCA POR DIGNIDADE PELA LITERATURA.....	26
3 CAPÍTULO 2: QUARTO DE DEPEJO, UMA ANÁLISE DE SUA OBRA.....	30
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
5 REFERÊNCIAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa se debruça sobre a obra *Quarto de despejo – diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, publicada em 1960, retratando o drama cotidiano de uma catadora de lixo, moradora da favela do Canindé em São Paulo, e suas andanças entre na favela e a cidade em busca de sobrevivência e sustento para os seus filhos. Inconformada com o ambiente social que a narradora-protagonista vive, ela decide escrever um livro, sobre seu dia a dia e as injustiças e invisibilidade sofridas por ela, sua família e seus semelhantes.

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a invisibilidade da obra de Carolina e os aspectos de representatividade presentes na narrativa. Os objetivos específicos são: analisar a representatividade da literatura de Carolina Maria de Jesus pelo viés da quebra de uma história única; examinar os aspectos de humanização pela literatura que a obra em questão carrega.

Trata-se de uma narrativa ainda pouco trabalhada nos cursos de licenciatura em Letras por causa da homogeneidade no campo literário que ainda existe, devido suas estéticas estabelecidas, não dá a devida atenção, por sua escrita que não cumpre as exigências da limitadora norma culta da língua portuguesa formal, por vezes privilegiando os autores de classes sociais parecidas, profissões renomadas e dos mesmos sexos, como mostra Regina Dalcastagné (2012) em sua pesquisa coordenada na Universidade de Brasília, que evidencia tais pressupostos.

Carolina, quebra esses estereótipos que lhes era designado pela sociedade, reforçada pela cor da sua pele, herdados dos tempos de escravidão. Com a sua escrita nos encantamos com sua garra e persistência como mulher negra, de realidade social desfavorável, com poucos anos de estudo formal, que não impediu de ser amante da leitura e persistir na escrita, que tem a sua estética marcada pela escrita de sí, evidenciadas pela sua percepção política de mundo, com linguagem simples ao mesmo tempo que se utiliza de palavras difíceis em seu repertório, fruto de suas leituras.

Ao ter contato com essa obra na universidade, pude recordar de um episódio emblemático no período do Estágio Supervisionado II, em que, ao conhecer o livro didático de Português que estava sendo trabalhado com a turma da 1ª série do Ensino Médio, havia uma atividade referente a um texto de Carolina Maria de Jesus,

da obra *Quarto de despejo – diário de uma favelada* com questões que solicitava ao aluno encontrar alguns equívocos gramaticais e, a partir disso, coloca-los da maneira “correta”, passando despercebido a riqueza literária do texto.

Com o início dos estudos desta obra e a partir dessa recordação suscitada durante a leitura, surgiu questionamentos sobre a rara aparição nas escolas e, até mesmo, nas universidades de obras deste cunho, de autores e autoras contemporâneo(a)s, vindos de lugares subalternizados no mundo da escrita, que reivindicaram seus lugares de fala, e seu direito de escritura reconhecidos pela Literatura, tal qual é a obra *Quarto de despejo*, da autora Carolina de Jesus, uma mulher preocupada com as questões sociais, que vê na literatura, um refúgio e um reconhecimento da sua potência de escrita, apesar de não dominar a gramática e não seguir um padrão hegemônico literário.

Como afirma Gilmar Penteadó (2017), Carolina ainda é desconhecida pela maioria do público leitor atual, e, os que a reconhecem a autora, a relacionam como escritora de uma obra só, deixando de levar em consideração suas outras produções que carregam grande relevância, como é o caso de *Casa de Alvenaria* (1961) e o livro publicado postumamente *Diário de Bitita* (1977).

Percebe-se ainda uma resistência a este tipo de literatura, havendo assim maior preferência as obras “clássicas” impostas pelo cânone, de autores devidamente consagrados e aclamados pela crítica, sendo que as obras contemporâneas são vistas ainda com olhares estranhos e abordados de forma limitadas no âmbito escolar e pelo público exterior, muitas vezes estudados apenas sob o viés sociológico ou um texto a ser corrigido por seus desvios gramaticais, como afirma Regina Dalcastagné em seu texto “Isso não é literatura” (2005). Fica a indagação de como a sociedade ainda não valoriza este tipo de leitura, tão rica em aspectos poéticos, quanto de cultura e suas faces políticas.

Carolina traz em sua obra a realidade da favela (considerado por ela o “quarto de despejo”) tantas vezes ignorada pela literatura, lugar em que ela vive e, em contraponto a cidade, ambiente na qual a catadora de lixo sempre frequenta, tanto pela questão de sobrevivência (recolher lixo), como em casos precisos, onde hospital, delegacia, prefeitura, dentre outros estão presentes na cidade.

A denúncia ao abandono pelos políticos é sempre relatada em seu diário, como forma de dar voz a aqueles que assim como ela, não podem se revoltar, o

que Carolina afirma em sua obra. A partir do encontro com o outro e suas singularidades, a autora nos cria a possibilidade de interpretar a ideia contemporânea chamada “o perigo de uma única história”, teorizado pela escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie.

Esta literatura contemporânea representa não só aquele que se fala/ autor marginalizado, mas sim o coletivo, que através de suas vivências ganham voz na sociedade e reivindicam suas posições sociais e seus direitos de pertencimento. Como lembra Chimamanda em sua fala, se a literatura não der voz e possibilidade de experiências nunca contadas, de vivências chegarem em suas páginas, ela continuará afirmando uma história única construída por pessoas que não compreendem realmente a vivências de espaços subalternizados, como é o caso da favela do Canindé retratada por Carolina Maria de Jesus.

Tais aspectos retratados na obra da autora, é o que Conceição Evaristo (2009) chama de “escrevivência”, escritora que dá nome a esse novo ramo da escrita literária. É possível também encontrar aspectos de uma poética mais engajada onde autor, personagem e espaço se relacionam e, deste modo, exige que o leitor saia de sua comodidade para entender esses espaços construídos e a relevância deles.

Para dar uma base teórica mais relevante a esta discussão, nos debruçaremos nas reflexões de Antonio Candido sobre o valor da literatura para humanizar e quebrar as perspectivas pré-concebidas sobre diversas realidades, afinal, ela ensina em um sentido profundo pois nos faz viver, através da fantasia relatada pelos escritores, as experiências que não poderíamos vivenciar em nossas existências, construindo relações de quem somos e quem são os outros que podemos conviver.

Desse modo, a presente pesquisa busca, inicialmente, trazer uma abordagem exploratória a respeito dos aspectos da representatividade na obra, para que possamos entender sua relevância para a literatura contemporânea. Por fim, a pesquisa se torna analítico-interpretativa, buscando ressaltar a relevância e importância da escrita de Carolina Maria de Jesus, para o âmbito educacional e cultural.

Para a realização dessa discussão aqui levantada, o trabalho será dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo intitulado *Carolina Maria de Jesus e a teoria que conversa com ela* iremos apresentar a autora, como mais uma esquecida no cânone da literatura, e abordaremos os conceitos do “perigo da história única”, de Chimamanda Ngozi Adichie, e da “humanização pela literatura”, de Antonio Candido. No segundo capítulo, *Quarto de despejo: uma análise de sua obra* analisaremos o texto de Carolina Maria de Jesus diante dos conceitos estudados com os críticos literários aqui citados.

2 CAPÍTULO 1: CAROLINA MARIA DE JESUS E A TEORIA QUE CONVERSA COM ELA

Neste primeiro capítulo iremos falar sobre a vida da autora Carolina Maria de Jesus, perante a faces da vida invisível que levava diante da sociedade *versus* como personagem da sua própria história, sua importância no ingresso no mundo das letras e seu reconhecimento como escritora negra conhecida no Brasil e no mundo, um verdadeiro marco para história da literatura contemporânea.

Em seguida, discutiremos a teoria do perigo da história única de Chimamanda Ngozi Adichie, que aborda sobre questões cruciais da literatura e da história, contada sobre diferentes aspectos daqueles que nos é apresentado pela classe dominante, que nos fazem enxergar apenas um lado de um povo, de uma cultura, nos fazendo refletir sobre uma sociedade tão rica e cheias de histórias a contar.

Por último, veremos a teoria de Antonio Candido sobre a humanização através da literatura, em obras como “Literatura e a Formação do Homem” e “Direito a Literatura”, onde ele apresenta uma perspectiva de que ao aprendermos sobre outras vivências que não são as nossas, conseguimos refletir sobre nós mesmos pelo caminho da alteridade, em que ver no outro o que não nos pertence acaba ajudando para construirmos nossa identidade de maneira mais dinâmica, afinal, pela literatura vivenciamos aquilo que não poderíamos em nossas existências.

2.1 – CAROLINA MARIA DE JESUS: PARA ALÉM DAS PANEIAS E FOGÕES

Regina Dalcastagné (2012) em seu texto *Um território contestado*, reforça que é difícil pensar a literatura brasileira contemporânea sem movimentar um conjunto de problemas, que podem parecer sanados, mas ao aparecer novas vozes literárias, com diferentes visões e legitimidade de fala, os problemas reaparecem e que partir destes se delimitam hierarquias, às vezes violentas quanto ou discretas consigam parecer: quem pode passar por esta rua, quem entra neste shopping, quem escreve literatura. É preciso refletir sobre essas questões, para compreendermos melhor a sua obra. Carolina causou desconforto para se pensar questões éticas, literárias e sociais, o que implica com sua própria vida. Enquanto passava fome, escrevia:

“Quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar eu escrevia. Tem pessoas que, quando estão nervosas, xingam ou pensam na morte como solução. Eu escrevia meu diário.”

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento, Minas Gerais, em 14 de março no ano de 1914. Filha de uma mãe chamada Maria Carolina e de um pai que as biografias da autora não conseguiram descobrir. Em seu núcleo familiar mais próximo, encontra-se tias e primos, além de um avô que teve grande importância em sua formação – ela o dedicaria mais à frente o conto intitulado “O Sócrates africano”.

Quando criança, entra no colégio espírita de Sacramento, onde aprenderá a ler e escrever. Ao lembrar desse período em entrevista de muitos anos depois, ela destaca como a paixão pela literatura ganhou força ali – com o auxílio fundamental de uma professora:

Seria uma deslealdade de minha parte não revelar que o meu amor pela literatura foi-me inculcado por minha professora, dona Lanita Salvina, que aconselhava-me para eu ler e escrever tudo que surgisse em minha mente. E consultasse o dicionário quando ignorasse a origem de uma palavra. Que as pessoas instruídas vivem com mais facilidade. (JESUS, 2007, p. 195)

Apesar do carinho e envolvimento com os estudos, a pequena Carolina acaba sendo retirada da escola logo em seu segundo ano por sua mãe e padrasto,

que decidem se mudar para outra cidade, com o intuito de trabalhar em uma fazenda. A paixão com os livros já fazia parte de sua vida naquele momento, e os poucos que ela terá acesso dali em diante, se tornarão muito importantes para alimentar este encontro.

Com a falta de recursos e a pobreza extrema que a família encara naquele período, outra mudança drástica se faz necessária em sua vida: ter que sair do interior de Minas Gerais e buscar a sorte em São Paulo, mais precisamente na cidade de Franca, a poucos quilômetros da capital. Entre 1930 até 1937, ela e sua mãe trabalharam nas mais diversas funções para garantir a sobrevivência naquele território.

Infelizmente, o ano de 1937 exigirá uma outra guinada na vida de Carolina Maria de Jesus, que após a morte de sua mãe, precisa se virar para descobrir um novo rumo. Esse momento difícil é relatado por José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine, responsáveis pela biografia da autora, intitulada *Cinderela Negra - a Saga de Carolina Maria de Jesus*:

Carolina, sozinha no mundo, dormiu sob pontes, em estradas e lugares desprotegidos. Fez várias coisas para ganhar dinheiro, principalmente trabalhou como empregada doméstica. Foi também faxineira em hotéis, auxiliar de enfermagem em um hospital, vendeu cerveja, Algumas vezes tentou ser artista de circo. (MEIHY; LEVINE, 1994, p. 21)

O rumo tomado por Carolina é a capital São Paulo, na qual passará por diversas dificuldades para se firmar completamente. Após alguns poucos anos de tranquilidade como empregada doméstica, acaba sendo demitida do trabalho por estar grávida – e o pai, um marinheiro português, vai embora sem dar o auxílio devido a ela e ao próprio filho João José. É nessa situação difícil que a autora irá parar na favela do Canindé, espaço que se tornará mundialmente famoso através de seus textos.

Nesta favela, que se encontra às margens do rio Tietê, ela dará a luz para mais dois filhos de pais diferentes, e como eles também não auxiliarão nos cuidados dessas crianças, resta a Carolina catar papel para sobreviver. Com todas as situações terríveis que ela encara naquele espaço, é na literatura que encontrará um verdadeiro refúgio, como cita em uma famosa entrevista publicada:

A transição de minha vida foi impulsionada pelos livros. Tive uma infância atribulada. É por intermédio dos livros que adquirimos boas maneiras e formamos nosso caráter. Se não fosse por intermédio dos livros que deu-me boa formação, eu teria me transviado, porque passei 23 anos mesclada com os marginais. (JESUS, 2007, p. 195)

É pela literatura que a virada positiva começa a ocorrer em sua vida também, quando em 1958 encontra o jornalista Audálio Dantas, que escrevia para o jornal *Folha da Noite*, e que será o responsável por dar possibilidades da publicação da obra *Quarto de Despejo*.

Como ele conta no prefácio das primeiras edições do livro, o encontro entre os dois se dá após a visita deste para a favela do Canindé, com o intuito de escrever sobre alguns brinquedos instalados pela prefeitura para as crianças do local brincarem. Neste lugar, ele encontra Carolina extremamente brava, denunciando que adultos estão usando os brinquedos em questão, e que ela contará sobre eles em seu livro. Curioso sobre o que seria essa obra, Audálio é apresentado aos cadernos da autora, e fica fascinado com o “melhor retrato da vida nas favelas”, como ele intitula, e começa a publicar trechos desses escritos em edições de seu jornal.

Dois anos após o encontro relatado, mais precisamente em agosto de 1960, finalmente a publicação do primeiro livro da autora é concretizada. O que se vê na sequência é um dos mais estrondosos sucessos literários do mercado editorial brasileiro, como números que até hoje impressionam, como podemos perceber na explicação de Marília Novais da Mata Machado em seu artigo “Os escritos de Carolina Maria de Jesus: determinações e imaginários”:

Seu livro *Quarto de despejo* foi lançado pela Livraria Francisco Alves em agosto de 1960 e editado oito vezes no mesmo ano. Em menos de 12 meses, mais de 70 mil exemplares foram vendidos. Uma tiragem bem-sucedida, na época, era de cerca de quatro mil exemplares. Nenhum autor no Brasil chegara perto desse sucesso de venda.

Revistas internacionais do porte de *Life*, *Paris Match*, *Time* e *Época* fizeram reportagens sobre Carolina e o seu livro.

Nos cinco anos subseqüentes, *Quarto de despejo* foi traduzido para 14 idiomas e alcançou mais de 40 países, começando pela Dinamarca, Holanda, Argentina, França, Alemanha, Suécia, Itália, passando pela Tchecoslováquia, Romênia, Inglaterra, Estados Unidos e chegando à Rússia, Japão, Polônia, Hungria e Cuba. (MACHADO, 2006, p. 106)

O livro, como se sabe, é o resultado dos diários que a autora criava com cadernos encontrados no livro, onde relatava o seu dia a dia através de grande

sensibilidade e percepção poética, demonstrando como era a vivência de uma catadora de papel que circulava entre a favela descrita por ela em seu diário como “quarto de despejo” e a cidade, que chamava de “sala de visitas”.

Em sua trama, ela aborda a luta diária pela sobrevivência, preconceitos sofridos, sua insatisfação com a favela e seu desejo de mudança, sua consciência política, das pequenas alegrias ordinárias que a salvam, a poética das leituras que carrega e das belezas da natureza que, corriqueiramente, a encontra. Tudo isso revela a riqueza de conteúdo, que traz em sua escrita todo o valor literário que Carolina já dominava.

Torna-se interessante ver o relato da própria autora sobre a repercussão que o livro toma, primeiramente, com imensa alegria de ter seu trabalho reconhecido, mas, na sequência, com desconfiança sobre os reais motivos de tamanho retorno de público:

Fiquei alegre olhando o livro e disse: "o que eu sempre invejei nos livros foi o nome do autor". E li o meu nome na capa do livro. "Carolina Maria de Jesus. Diário de uma favelada. Quarto de despejo". Fiquei emocionada. É preciso gostar de livros para sentir o que eu senti. [...] Eu não sei o que eles acham no meu diário. Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Fico pensando o que será Quarto de despejo?, umas coisas que eu escrevia há tanto tempo para desafogar as misérias que enlaçavam-me igual o cipó quando enlaça as árvores, unindo todas. (JESUS, 2007, p. 195-196)

O sucesso estrondoso no mundo inteiro torna a autora, também, vítima da exigência de uma “história única”, como veremos na discussão de Chimamanda Ngozi Adichie, que leitores e imprensa exigem a uma mulher negra vinda de um espaço subalternizado como uma favela. Após ascender na vida e conseguir sair da favela do Canindé, mudando-se para um bairro melhor na cidade de São Paulo, a autora vê seus livros seguintes, principalmente *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961), tornarem-se grandes fracassos comerciais.

A imprensa nacional vai apagando a figura dela de seus noticiários, só retomando para usar de modo sensacionalista, como ocorre em 1966, em que as manchetes relatariam sua volta as ruas catando papel para conseguir dinheiro, após tanto dinheiro perdido com as obras que vieram após *Quarto de Despejo*.

Reclusa e distante dos holofotes por alguns anos, em 1976 a autora recebe a visita de duas pesquisadoras francesas que buscavam histórias para um livro

sobre mulheres brasileiras de destaque, e apresenta a elas novos textos que ainda não tinham sido publicados. Esses textos acabam sendo lançados na França, pela *Editions Métailié*, com o título de *Journal de Bitita*, e só chegam ao mercado nacional, como *Diário de Bitita: um Brasil para brasileiros*, no ano de 1986.

Em 13 de fevereiro de 1977, Carolina Maria de Jesus acaba falecendo a caminho do hospital, vítima de uma doença respiratória. Infelizmente ela não consegue ver a repercussão de sua obra publicada na França, e nem o tamanho da repercussão de sua morte no mundo inteiro.

Sua importância pode ser medida como uma precursora da escrita negra reconhecida no país, e que teve um papel fundamental na quebra da *história única* apresentada pela classe literária dominante ao que seria uma personagem negra, vítima de miséria e incapaz de produzir algo de relevância para a sociedade. Ela saiu do modo anônimo e se tornou protagonista, veio para quebrar paradigmas, e como salienta Tom Farias, precisa ser vista da seguinte maneira:

mulher intemorata, corajosa e cheia de atitudes alvissareiras, Carolina Maria de Jesus, com seu pensamento singular, sua escrita simples, deixou um legado eivado de desafios e alertas, de indignações e dúvidas. E através da leitura das notas do seu diário, fica-se a certeza de que uma mulher sem igual existiu de fato e de direito entre nós, para simbolizar a luta sofrida, não só das mulheres pobres e humildes, mas a luta em prol do dia seguinte, do dia necessário para sobreviver, do dia sem vencedor e sem vencidos. [...]
Carolina Maria de Jesus representou essa mulher, que transformou uma atitude corriqueira que é o ato de escrever, na bandeira contra a fome e a miséria, bandeira essa que tremula, como um estandarte, protegendo as cabeças dos fracos e oprimidos, dos que, como ela, envergaram a espinha para ganhar a vida, nos lixões de cada esquina, nas obras do metrô, nos garimpos, nas aberturas de estradas que, infelizmente, levaram este país para lugar nenhum. (FARIAS, 2020, p. 190).

Consequentemente a autora, teve que enfrentar a armadilha dos julgamentos estéticos sobre os seus escritos, frutos de uma exclusão histórica, a começar, por ela ser de origem subalternizada, não ter o domínio das regras ortográficas da gramática e por ser rotulada como “escritora de testemunho”, passando despercebida a sua vasta produção poética, desde a escrita de poesias a peças teatrais.

2.2 – O PERIGO DE UMA HISTÓRIA ÚNICA SOBRE A MULHER NEGRA

O texto intitulado *O perigo de uma única história*, da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, é a primeira que iremos nos debruçar para pensar o trabalho de Carolina Maria de Jesus no livro *Quarto de Despejo – Diário de uma favelada*.

A literata em questão é considerada uma das mais importantes autoras anglófonas da atualidade, com reconhecimento na teoria e na produção literária, na qual carrega uma produção de livros lançados no mundo inteiro que levaram um grande número de prêmios da área.

Além de escritora, Chimamanda também é reconhecida por realizar palestras em todo o mundo, com ênfase nos Estados Unidos e na Nigéria. Algumas dessas palestras podem ser facilmente encontradas no *Youtube* apenas procurando por: *We should be all feminists; The danger of a single story; Beauty does not solve problems; Hair is political*, entre outras.

Através do tema *The danger of the single story* (O perigo de uma única história), a autora fez a primeira palestra para o TED (*Technology, Entertainment, Design*), um evento com uma série de conferências realizadas na Europa, Ásia e nas Américas, pela fundação, sem fins lucrativos, Sapling. Segundo os responsáveis pelo evento, o intuito central é a exposição de ideias que merecem ser disseminadas. Com isso, as conferências são amplamente divulgadas na Internet.

Na palestra em questão, a autora chama atenção para como os estereótipos são limitantes e impactantes em nossos pensamentos, dando exemplos de situações vividas enquanto residiu para estudar nos Estados Unidos. Em agosto de 2019, a editora Companhia das Letras publicou, no Brasil, a versão em livro intitulada *O perigo de uma única história*.

É dessa palestra, então, que tiramos a teoria que vamos embasar o entendimento da obra de Carolina Maria de Jesus, pois obviamente o posicionamento da autora confronta, tanto no livro quanto em sua vida, a história única que exigiriam de uma figura vinda dos espaços de baixa renda que ela vivenciou.

O primeiro destaque que apontamos do pensamento de Chimamanda é a percepção que a literatura pode construir de alguns territórios só existirem de uma única forma, pois os livros que podem ser publicados nesses espaços acabam recorrendo sempre para as mesmas ideias e percepções. Isso também afeta a percepção não só de quem lê mas, também, de quem escreve nesses lugares. A história contada pela autora sobre ela ter sido uma criança que leu muito a literatura inglesa e que, por isso, observou pouco da história de sua terra pelos livros, é de fundamental importância para entendermos esse raciocínio:

Eu cresci num campus universitário no leste da Nigéria. Minha mãe diz que eu comecei a ler com 2 anos, mas eu acho que 4 é provavelmente mais próximo da verdade. Então, eu fui uma leitora precoce. E o que eu lia eram livros infantis britânicos e americanos.

Eu fui também uma escritora precoce. E quando comecei a escrever, por volta dos 7 anos, histórias com ilustrações em giz de cera, que minha pobre mãe era obrigada a ler, eu escrevia exatamente os tipos de histórias que eu lia. Todos os meus personagens eram brancos de olhos azuis. Eles brincavam na neve. Comiam maçãs. E eles falavam muito sobre o tempo, em como era maravilhoso o sol ter aparecido (Risos). Agora, apesar do fato que eu morava na Nigéria. Eu nunca havia estado fora da Nigéria. Nós não tínhamos neve, nós comíamos mangas. E nós nunca falávamos sobre o tempo porque não era necessário.

Meus personagens também bebiam muita cerveja de gengibre porque as personagens dos livros britânicos que eu lia bebiam cerveja de gengibre. Não importava que eu não tinha a mínima ideia do que era cerveja de gengibre. E por muitos anos depois, eu desejei desesperadamente experimentar cerveja de gengibre. Mas isso é uma outra história.

A meu ver, o que isso demonstra é como nós somos impressionáveis e vulneráveis face a uma história, principalmente quando somos crianças. Porque tudo que eu havia lido eram livros nos quais as personagens eram estrangeiras, eu convenci-me de que os livros, por sua própria natureza, tinham que ter estrangeiros e tinham que ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar. (ADICHIE, 2009, *online*)

A história que a literatura deixava chegar até a Chimamanda não retratava a vida que a cercava de verdade, ela só recebia essa perspectiva do que era ser americano ou britânico, os dois lugares dominantes do mercado de língua inglesa, e que conseguem impor esse poder até mesmo no território de língua inglesa que é a Nigéria.

Sua percepção sobre o valor da literatura em trazer histórias que poderiam fazer parte do mundo em que ela vivia e ir além das histórias de um mundo que não fazia parte realmente só ocorreu no momento que teve contato com a produção de obras africanas. Ela descreve essa situação da seguinte maneira no vídeo em questão:

Bem, as coisas mudaram quando eu descobri os livros africanos. Não havia muitos disponíveis e eles não eram tão fáceis de encontrar quanto os livros estrangeiros, mas devido a escritores como Chinua Achebe e Camara Laye eu passei por uma mudança mental em minha percepção da literatura. Eu percebi que pessoas como eu, meninas com a pele da cor de chocolate, cujos cabelos crespos não poderiam formar rabos-de-cavalo, também podiam existir na literatura.

Eu comecei a escrever sobre coisas que eu reconhecia. (ADICHIE, 2009, *online*)

A palavra “reconhecer” ganha um peso ainda maior nessa condição, pois ali iniciou um processo de não só ver as pessoas com quem convivia nas obras literárias, mas, também, se ver ali dentro, criando o desejo de ser uma produtora dessas histórias que os outros a sua volta pudessem se ver igualmente.

Como a autora destaca, o impacto da literatura americana e britânica deu-se na “consequência inesperada” de não saber “que pessoas como eu podiam existir na literatura”. Por isso o descobrimento dos livros africanos é tão impactante – “Então o que a descoberta dos escritores africanos fez por mim foi: salvou-me de ter uma única história sobre o que os livros são” (ADICHIE, 2009, *online*).

Chimamanda também chama a atenção para a diferença de classe social que pode alimentar o olhar da história única em cima das histórias daqueles que são invisibilizados pela sociedade. Um bom exemplo dessa situação é o modo que a família dela criou uma percepção “única” do que seria a vivência da família da empregada:

Eu venho de uma família nigeriana convencional, de classe média. Meu pai era professor. Minha mãe, administradora. Então nós tínhamos, como era normal, empregada doméstica, que frequentemente vinha das aldeias rurais próximas. Então, quando eu fiz 8 anos, arranjamos um novo menino para a casa. Seu nome era Fide. A única coisa que minha mãe nos disse sobre ele foi que sua família era muito pobre. Minha mãe enviava inhames, arroz e nossas roupas usadas para sua família. E quando eu não comia tudo no jantar, minha mãe dizia: "Termine sua comida! Você não sabe que pessoas como a família de Fide não tem nada?".

Então eu sentia uma enorme pena da família de Fide.

Então, um sábado, nós fomos visitar a sua aldeia e sua mãe nos mostrou um cesto com um padrão lindo, feito de ráfia seca por seu irmão. Eu fiquei atônita! Nunca havia pensado que alguém em sua família pudesse realmente criar alguma coisa. Tudo que eu tinha ouvido sobre eles era como eram pobres, assim havia se tornado impossível pra mim vê-los como alguma coisa além de pobres. Sua pobreza era minha história única sobre eles. (ADICHIE, 2009, *online*)

Essa percepção da história única ganhará uma analogia importante da escritora com o contraste de sua vivência nos Estados Unidos, sendo uma africana em um outro continente que carregava uma enormidade de “histórias únicas” do lugar em que ela cresceu. O olhar da colega de quarto americana diz muito do modo que aquele território aprendeu a interpretar o espaço representado pelo país de Chimamanda:

Anos mais tarde, pensei nisso quando deixei a Nigéria para cursar universidade nos Estados Unidos. Eu tinha 19 anos. Minha colega de quarto americana ficou chocada comigo. Ela perguntou onde eu tinha aprendido a falar inglês tão bem e ficou confusa quando eu disse que, por acaso, a Nigéria tinha o inglês como sua língua oficial. Ela perguntou se podia ouvir o que ela chamou de minha "música tribal" e, conseqüentemente, ficou muito desapontada quando eu toquei minha fita da Mariah Carey (Risos).

Ela presumiu que eu não sabia como usar um fogão.

O que me impressionou foi que: ela sentiu pena de mim antes mesmo de ter me visto. Sua posição padrão para comigo, como uma africana, era um tipo de arrogância bem intencionada, piedade. Minha colega de quarto tinha uma única história sobre a África. Uma única história de catástrofe. Nessa única história não havia possibilidade de os africanos serem iguais a ela, de jeito nenhum. Nenhuma possibilidade de sentimentos mais complexos do que piedade. Nenhuma possibilidade de uma conexão como humanos iguais. (ADICHIE, 2009, *online*)

Os anos nos Estados Unidos colaboraram para que a autora tivesse a real dimensão do que é a história única que aquele país conta de sua terra natal, e que com seu poderio cultural repassa a grande parte do mundo, fazendo todos pensarem no continente dela por uma única perspectiva:

Então, após ter passado vários anos nos EUA como uma africana, eu comecei a entender a reação de minha colega para comigo. Se eu não tivesse crescido na Nigéria e se tudo que eu conhecesse sobre a África viesse das imagens populares, eu também pensaria que a África era um lugar de lindas paisagens, lindos animais e pessoas incompreensíveis, lutando guerras sem sentido, morrendo de pobreza e AIDS, incapazes de falar por eles mesmos, e esperando serem salvos por um estrangeiro branco e gentil. Eu veria os africanos do mesmo jeito que eu, quando criança, havia visto a família de Fide. (ADICHIE, 2009, *online*)

Como ela destaca, “essa única história da África vem da literatura ocidental”. As histórias que foram publicadas sobre aqueles territórios afirmaram a perspectiva única, carregando todo peso de subjugar todo um continente, transformando-o em uma coisa só, sem levar em considerações as pluralidades que o forma.

Quando se torna uma escritora famosa internacionalmente, Chimamanda começa a perceber a exigência dos que não conheciam seu país em verem a “história única” que aprenderam da África representadas em seus livros, considerando-os menor por não cumprirem a expectativa que carregavam. A história do professor que teve nos Estados Unidos é um excelente exemplo dessa situação:

Como um professor, que uma vez me disse que meu romance não era "autenticamente africano". Bem, eu estava completamente disposta a afirmar que havia uma série de coisas erradas com o romance, que ele havia falhado em vários lugares. Mas eu nunca teria imaginado que ele havia falhado em alcançar alguma coisa chamada autenticidade africana. Na verdade, eu não sabia o que era "autenticidade africana". O professor me disse que minhas personagens pareciam-se muito com ele, um homem educado de classe média. Minhas personagens dirigiam carros, elas não estavam famintas. Por isso elas não eram autenticamente africanos. (ADICHIE, 2009, *online*)

Novamente, a autora aponta um contraponto em que ela também se viu como reprodutora de “uma história única”, mais especificamente a narrativa que os americanos apresentavam constantemente sobre os mexicanos dentro da mídia, e que por estar vivendo naquele território, foi absorvendo essas histórias em uma perspectiva de pré-conceito do país que desconhecia. Chimamanda conta essa situação da seguinte maneira:

Mas eu devo rapidamente acrescentar que eu também sou culpada na questão da única história. Alguns anos atrás, eu visitei o México saindo dos EUA. O clima político nos EUA àquela época era tenso. E havia debates sobre imigração. E, como frequentemente acontece na América, imigração tornou-se sinônimo de mexicanos. Havia histórias infundáveis de mexicanos como pessoas que estavam espoliando o sistema de saúde, passando às escondidas pela fronteira, sendo presos na fronteira, esse tipo de coisa.

Eu me lembro de andar no meu primeiro dia por Guadalajara, vendo as pessoas indo trabalhar, enrolando tortilhas no supermercado, fumando, rindo. Eu me lembro que meu primeiro sentimento foi surpresa. E então eu fiquei oprimida pela vergonha. Eu percebi que eu havia estado tão imersa na cobertura da mídia sobre os mexicanos que eles haviam se tornado uma coisa em minha mente: o imigrante abjeto. Eu tinha assimilado a única história sobre os mexicanos e eu não podia estar mais envergonhada de mim mesma. (ADICHIE, 2009, *online*)

Em suas palavras, “é assim que se cria uma única história: mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que eles se tornarão” (ADICHIE, 2009, *online*). É preciso descobrir aqueles que foram

silenciados nos processos literários para sabermos quais história não ganharam a dignidade merecida na formação de nossas sociedades:

Comece uma história com as flechas dos nativos americanos, e não com a chegada dos britânicos, e você tem uma história totalmente diferente. Comece a história com o fracasso do estado africano e não com a criação colonial do estado africano e você tem uma história totalmente diferente. (ADICHIE, 2009, *online*)

Para Chimamanda, a história única “rouba das pessoas sua dignidade. Faz o reconhecimento de nossa humanidade compartilhada difícil. Enfatiza como nós somos diferentes ao invés de como somos semelhantes” (ADICHIE, 2009, *online*).

Por isso, é tão importante ela destacar situações da recepção de seus livros na própria Nigéria, refletindo como as pessoas de lá se veem nas obras e tomam posse daquelas histórias, pois são reflexos de suas próprias vivências pelo olhar de quem as conhece integralmente. Um bom exemplo temos no seguinte relato:

Logo após ele publicar meu primeiro romance, eu fui a uma estação de TV em Lagos para uma entrevista. E uma mulher que trabalhava lá como mensageira veio a mim e disse: "Eu realmente gostei do seu romance, mas não gostei do final. Agora você tem que escrever uma sequência, e isso é o que vai acontecer..." (Risos). E continuou a me dizer o que escrever na sequência. Agora eu não estava apenas encantada, eu estava comovida. Ali estava uma mulher, parte das massas comuns de nigerianos, que não se supunham ser leitores. Ela não tinha só lido o livro, mas ela havia se apossado dele e sentia-se no direito de me dizer o que escrever na sequência. (ADICHIE, 2009, *online*)

Por isso, ter a possibilidade de contar as próprias histórias através da literatura é tão importante, pois se torna um movimento possível de humanização, dar existência aqueles que nunca seriam retratados nos livros que são facilmente aceitos pelas grandes editoras, afinal, elas também afirmam quem são os donos do poder, restringindo a maioria das narrativas a homens, brancos e heterossexuais.

Portanto, seja Chimamanda contando as verdadeiras vivências na Nigéria, ou Carolina Maria de Jesus falando como é existir na favela do Canindé, o leitor sempre sai ganhando no processo de humanizar as vidas que não são as dele, pois aprende a expandir o mundo, vendo o tamanho de sua pluralidade, ou nas palavras da teórica:

Histórias importam.

Muitas histórias importam.

Histórias tem sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida. (ADICHIE, 2009, *online*)

2.3 A BUSCA POR DIGNIDADE PELA LITERATURA

A segunda teoria que tomamos como guia para analisar a obra *Quarto de Despejo – diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, é a ideia de humanização através da obra literária, que tem como principal nome desse conceito Antonio Candido.

Entre as obras que discute essa reflexão, duas ganham maior destaque, tornando-se referências de grande valor em todos os cursos de Letras que buscam trazer a discussão da importância da literatura para a sociedade: “A Literatura e a Formação do Homem” e “O Direito a Literatura”.

O primeiro texto que nos debruçaremos, intitulado “A Literatura e a Formação do Homem”, é, também, o primeiro em que ele se arriscou a discutir a ideia de humanização através da literatura e o quanto esta é importante na vida das pessoas em geral. Apesar de publicado em alguns livros do autor, sua criação está relacionada a conferência pronunciada na XXIV Reunião Anual da SBPC (na cidade de São Paulo em 1972).

Segundo afirma o autor na obra analisada, a literatura complementa uma dupla função humanizadora: a realização da necessidade universal de satisfazer a fantasia e a contribuição para a formação da personalidade.

Sobre a necessidade universal de satisfazer a fantasia, Antonio Candido a define da seguinte maneira:

Um certo tipo de função psicológica é talvez a primeira coisa que nos ocorre quando pensamos no papel da literatura. A produção e fruição desta se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia, que de certo é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares. E isto ocorre no primitivo e no civilizado, na criança e no adulto, no instruído e no analfabeto.[...] A literatura propriamente dita é uma das modalidades que funcionam como resposta a essa necessidade universal, cujas formas mais humildes e espontâneas de satisfação talvez sejam coisas como a anedota, a adivinha, o trocadilho, o rifão. Em nível complexo surgem as narrativas populares, os cantos folclóricos, as lendas, os mitos. No nosso ciclo de

civilização, tudo isto culminou de certo modo nas formas impressas, divulgadas pelo livro, o folheto, o jornal, a revista: poema, conto, romance, narrativa romanceada. Mais recentemente, ocorreu o boom das modalidades ligadas à comunicação pela imagem e à redefinição da comunicação oral, propiciada pela técnica: fita de cinema, radionovela, fotonovela, história em quadrinhos, telenovela. Isto, sem falar no bombardeio incessante da publicidade, que nos assalta de manhã à noite, apoiada em elementos de ficção, de poesia e em geral da linguagem literária. (CANDIDO, 1999, p.82-83)

Como ele salienta, o desejo da fantasia está nos mais diversos meios que podem carregar esteticamente o fazer literário, não ficando restrito ao objeto livro, como acabam interpretando erroneamente a maioria das escolas. Entre seus caminhos, então, vemos a literatura realizada

por via oral ou visual; sob formas curtas e elementares, ou sob complexas formas extensas, a necessidade de ficção se manifesta a cada instante; aliás, ninguém pode passar um dia sem consumi-la, ainda que sob a forma de palpite na loteria, devaneio, construção ideal ou anedota. E assim se justifica o interesse pela função dessas formas de sistematizar a fantasia, de que a literatura é uma das modalidades mais ricas. (CANDIDO, 1999, p.83)

A segunda função humanizadora que Antonio Candido destaca, que está relacionada a formação da personalidade, algumas reflexões interessantes merecem um destaque em nosso trabalho. Entre elas, esse trecho que apresentamos na sequência:

as criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo subconsciente e inconsciente, operando uma espécie de inculcamento que não percebemos. Quero dizer que as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar. Talvez os contos populares, as historietas ilustradas, os romances policiais ou de capa-e-espada, as fitas de cinema, atuem tanto quanto a escola e a família na formação de uma criança e de um adolescente. (CANDIDO, 1999, p.84)

Ambos os princípios realizados pela obra literária contribuem para uma perspectiva humanizadora, pois ao saciar nosso desejo de fantasia e dar possibilidades da construção de nossa personalidade, ela colabora diretamente com os ideais de conhecimento do mundo e do ser.

Por se tratarem de experiências que carregam um caráter subjetivo, cada leitor constrói uma relação própria com as obras. Por isso, qualquer intenção de exigir uma função formativa educacional para a literatura não se sustenta

completamente, pois não é mesurável o efeito que ela causará nas pessoas que tiverem acesso. Esta ideia pode ser melhor entendida no seguinte trecho:

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa, — o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica (esta apoteose matreira do óbvio, novamente em grande voga), ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, — com altos e baixos, luzes e sombras. Daí as atitudes ambivalentes que suscita nos moralistas e nos educadores, ao mesmo tempo fascinados pela sua força humanizadora e temerosos da sua indiscriminada riqueza. E daí as duas atitudes tradicionais que eles desenvolveram: expulsá-la como fonte de perversão e subversão, ou tentar acomodá-la na bitola ideológica dos catecismos. (CANDIDO, 1999, p.84)

O que temos na perspectiva do autor, então, é “que a literatura, como a vida, ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta” (CANDIDO, 1999, p.84). Por isso, buscar nela uma tentativa de correção moral do cidadão é inconcebível, afinal, a literatura “não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 1999, p.85).

O segundo texto que buscamos a ideia de humanização pela literatura, segundo Antonio Candido, intitula-se “Direito a Literatura”, e nele o autor buscou aprofundar a reflexão das ideias apresentadas na obra anterior, reafirmando a literatura pela fantasia e seu valor como elemento capaz de cumprir a necessidade universal experimentada em todas as sociedades, além da colaboração clara com a ideia de compreender melhor o mundo, mesmo que sem consciência disso, afinal, a construção da personalidade passa por camadas do inconsciente já destacadas anteriormente.

Com o intuito de deixar clara a importância da literatura na construção e confirmação do homem como ser social que dialoga com o mundo em que vive, o autor afirma no trecho a seguinte ideia:

a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe

e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 1988, p.177)

Neste texto, também, Antonio Candido se preocupa em definir a ideia de humanização que ele se apoia, considerando tal conceito da seguinte forma:

Humanização é o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 1988, p.182)

Apesar dos pontos em comum, Candido traz a reflexão aqui para um outro caminho crucial a ser discutido: se a literatura existe em todas as sociedades, e se ela é uma necessidade fundamental, ela tem que ser um direito de todo homem, e tal discussão sobre direito deságua diretamente no problema do ponto de vista social, do qual percebe-se que, em uma sociedade iníqua como a que vivemos, tudo é muito mal distribuído. Para ele, então, a literatura é

uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar nossa humanidade (CANDIDO, 1988, p.186)

Segundo o teórico, "uma sociedade justa pressupõe o respeito aos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável" (CANDIDO, 1988, p. 193). Por isso, ele considera que o acesso igualitário a todos os produtos da literatura, em todos os níveis (da história oral ao livro canônico), é uma obrigação social, como pode-se ver em sua afirmação em vídeo gravada pela Comunidade Educativa CEDAC:

Sou convencido de que a literatura melhora muito o ser humano... seja a fábula da tartaruga e o coelho, até os Irmãos Karamazov, tudo isso enriquece por que ensina a ver a vida de alguma maneira. Não conheço ninguém que tenha passado pela literatura que não resulte em enriquecimento próprio. Uma sociedade ideal seria assegurar não só os bens materiais de vida, mas assegurar a possibilidade de ter acesso a todos os níveis de literatura. É uma brutalidade social fazer com que uma pessoa cresça e viva sem ter a capacidade de ler Machado de Assis ou

Dostoiévski. O direito à literatura deságua na justiça social, deságua na literatura acessível à todos. (CANDIDO, 2014, *online*)

O que Candido nos auxilia a ver é que a literatura tem a força de nos fazer viver outras vidas que não são as nossas e, com isso, alimentar nosso desejo incontornável a fantasia e, conseqüentemente, a aprendizagem de outras vivências dinâmicas para construir pelo olhar ao outro quem nós somos.

Portanto, ao nos debruçarmos no romance de Carolina Maria de Jesus, poderemos observar o quanto ela mergulha nesse ideal de construir sua identidade através do valor que dá a fantasia que a literatura possibilita em sua vida, seja como escapatória da fantasia, seja como tomada de consciência de seu verdadeiro lugar no mundo, lugar que deve ser confrontado no senso crítico que, claramente, ganha poder pelas obras literárias que tem contato.

3 CAPÍTULO 2: QUARTO DE DESPEJO: UMA ANÁLISE DE SUA OBRA

Para termos uma melhor compreensão uma da obra de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo diário de uma favelada*, objeto de pesquisa do nosso trabalho, iniciaremos a análise falando sobre a estruturação da narrativa, para que melhor possamos compreender o decorrer da análise do texto.

A narrativa do livro é escrita em primeira pessoa, com narradora-protagonista, sendo a própria Carolina aquela que narra e é uma das personagens principais da sua história. A sequência acontece de forma cronológica, marcada por dias meses e ano, mostrando os dramas e vivências do dia a dia com os seus filhos, como moradora da favela e catadora de lixo, tendo como um dos seus primeiros relatos o episódio do aniversário de sua filha Vera Eunice.

Carolina escreve seu livro em forma de diário, um dos gêneros literários reconhecido por seu teor informal, que se caracteriza como um gênero pessoal, sem exigências de formalidade, mais intimista, sendo voltado para a pessoa que escreve.

Em contrapartida, o diário escrito por Carolina tem em sua formatação a intencionalidade de ser lido por um público, para mostrar a sociedade, como um verdadeiro testemunho, de onde veio e o que era capaz de produzir, para que fosse

reconhecida como protagonista de si mesma, contestar o seu espaço no mundo e dar voz aos seus semelhantes.

Frente a um espaço hegemônico na literatura, sabemos que não é tarefa fácil buscar um espaço para ver respeitada sua voz. O mundo literário tem enorme dificuldade de aceitar narrativas de pessoas comuns, vindas de classes sociais desfavorecidas, e ainda mais dificuldade de reconhecer que essas vozes sejam capazes de produzir conteúdo enriquecedores ao nosso imaginário, como bem destaca a teórica Regina Dalcastagné:

Pensem no senhor que conserta sua geladeira, no rapaz que corta seu cabelo, na sua empregada doméstica – pessoas que certamente têm muitas histórias para contar. Agora colem o retrato deles na orelha de um livro, coloquem seus nomes em uma bela capa, pensem neles como escritores. A imagem não combina, simplesmente porque não é esse o retrato que estamos acostumados a ver, não é esse o retrato que eles estão acostumados a ver, não é esse o retrato que muitos defensores da Língua e da Literatura (tudo com L maiúsculo, é claro) querem ver. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 8)

Como podemos perceber na leitura da obra, Carolina Maria de Jesus se reconhecia diferente dos demais, e encontrou na escrita alívio para suas dores diante da sua condição social de pobreza, incredulidade e, até mesmo, a falta de respeito que recebia dos seus vizinhos. O trecho a seguir, escrito no início de seu livro, retrata bem essa realidade:

Veio a D. Silvia reclamar contra os meus filhos. Que os meus filhos são mal educados. Mas eu não encontro defeito nas crianças. Nem nos meus nem nos dela. Sei que criança não nasce com senso. Quando falo com uma criança lhe dirijo palavras agradáveis. O que aborrece-me é elas vir na minha porta para perturbar a minha escassa tranquilidade interior (...) Mesmo elas aborrecendo-me, eu escrevo. Sei dominar meus impulsos. Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar o meu caráter. A única coisa que não existe na favela é solidariedade. (JESUS, 2007, p.13)

É perceptível a força de vontade que ela encontra no ato de escrever. Apesar de ter estudado por pouco tempo, foi o suficiente para formar o seu caráter e desenvolver a sua personalidade intrinsecamente relacionada ao fazer literário. Ela mostra que é capaz de seguir com seu objetivo, mesmo diante dos obstáculos que encontra em seu caminho.

Por essa perspectiva, podemos relacionar o trabalho de autora de Carolina com as ideias apresentadas por Chimamanda Ngozi Adichie, pois vemos uma pessoa preocupada em ser dona de sua história, responsável pelo testemunho que chegará aos outros sobre essa vivência, querendo quebrar a história única que o discurso hegemônico no país constrói a uma mulher negra e pobre, na qual ela não teria essa relação tão forte com os livros.

O respeito pelo fazer literário é perceptível em um trecho como o seguinte: “Li um pouco, não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem” (JESUS, 2007, p. 22). Do lugar onde a academia literária ignora uma história assim, por empurrar a história única de que só os “letrados e acadêmicos” podem ter essa relação com os livros, vem essa mulher que afirma sua paixão ao objeto que considera a melhor invenção do homem: o livro.

Obviamente, a história única que empurram a ela estará não só no tratamento que a imprensa dará a autora, ao ponto de rechaçá-la quando os livros lançados após o *Quarto de Despejo* não tiverem como tema a pobreza em que viveu anteriormente, mas, também, nas vozes das pessoas que viviam no lugar que ela retrata, como podemos perceber no seguinte trecho:

(...) Bateram na porta. Mandei o João José abrir e mandar entrar. Era o Seu João. Perguntou-me onde encontrar folhas de batatas para sua filha buchechar um dente. Eu disse que na Portuguesinha era possível encontrar. Quiz saber o que eu escrevia. Eu disse ser o meu diário. — Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você. Todos tem um ideal. O meu é gostar de ler. (JESUS, 2007, p.23)

A própria perspectiva de ver sua vida mudar pela literatura é retratada na obra, pois ela reconhece a força da história que carrega, uma história que nunca tinha sido contada por quem sofre a pobreza como ela. Um bom exemplo disso é a parte à frente:

...Seu Gino veio dizer-me para eu ir no quarto dele. Que eu estou lhe despresando. Disse-lhe: Não!
É que eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela. Não tenho tempo para ir na casa de ninguém. (JESUS, 2007, p.25)

O primeiro salto temporário do livro é bastante simbólico para refletirmos, também, na teoria de Antonio Candido. Esse salto ocorre entre o dia 28 de julho de 1955 até o dia 2 de maio de 1958. Os quase três anos sem escrever nada passa por uma situação violenta em que uma outra pessoa da favela botou fogo em seus sacos para catar papelão, e a decepção dela com a situação é tão grande que a faz desanimar para aquilo que ela mais ama fazer: escrever seus textos.

Por isso, é tão interessante o modo que ela retorna a escrita, demarcando um território de se tornar voz para atingir outras pessoas, poder modificar outras pessoas, assim como ela se sente modificada pelas coisas que lê:

2 DE MAIO DE 1958

Eu não sou indolente. Há tempos que eu pretendia fazer o meu diário. Mas eu pensava que não tinha valor e achei que era perder tempo.

...Eu fiz uma reforma em mim. Quero tratar as pessoas que eu conheço com mais atenção. Quero enviar um sorriso amavel as crianças e aos operários. (JESUS, 2007, p. 28)

Como aponta Antonio Candido, o grande valor humanizador da literatura estão em fazer as pessoas vivenciarem outras experiências de vida e, através disso, compreender quem se é pela perspectiva de aprender mais sobre os outros. Quando Carolina vê em sua história a possibilidade de colaborar com a mudança de outros, ela também afirma esse desejo humanizador, de acreditar que é possível atingir transformações nas identidades quando se conhecem outros contextos que não vivem.

Como bem destaca a autora em um trecho, essa ideia de abrir caminho para a transformação dos outros é uma intenção sua: “Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu. E faço isto em prol dos outros” (JESUS, 2007, p.32).

Outro valor discutido por Candido é a força da fantasia em nos ajudar a confrontar o mundo, criando alívios tão necessários em realidades violentas como as que a autora vivia. Um bom exemplo dessa ideia encontramos no seguinte trecho:

...Contemplava extasiada o céu cor de anil. E eu fiquei compreendendo que eu adoro o meu Brasil. O meu olhar posou nos arvoredos que existe no inicio da rua Pedro Vicente. As folhas movia-se. Pensei: elas estão aplaudindo este meu gesto de amor a minha Patria. (...) Toquei o carrinho e fui buscar mais papéis. A Vera ia sorrindo. E eu pensei no Casemiro de

Abreu, que disse: "Ri criança. A vida é bela". Só se a vida era boa naquele tempo. Porque agora a época está apropriada para dizer: "Chora criança. A vida é amarga". (JESUS, 2007, p.32)

O poder da fantasia em auxiliar no dia a dia para encarar o tempo presente e, conseqüentemente, construir uma personalidade através daquilo que ela alimenta, acaba sendo um importante ponto desse teórico a ser refletido na obra de Carolina Maria de Jesus. Reparem no sonho retratado dentro da obra, que se torna impulso para o desejo de transformar a própria realidade encarada pela autora:

21 DE MAIO

Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. (JESUS, 2007, p.35)

Mais um trecho que deixa isso claro é o que trazemos a seguir, no qual a realidade terrível de preços impossíveis de serem pagos se confronta com a beleza das coisas que a autora visualiza e fantasia pelo olhar poético que tanto aprendeu nos livros que teve contato em sua vida:

...O céu é belo, digno de contemplar porque as nuvens vagueiam e formam paisagens deslumbrantes. As brisas suaves perpassam conduzindo os perfumes das flores. E o astro rei sempre pontual para despontar-se e recluir-se. As aves percorrem o espaço demonstrando contentamento. A noite surge as estrelas cintilantes para adornar o céu azul. Há várias coisas belas no mundo que não é possível descrever-se. Só uma coisa nos entristece: os preços, quando vamos fazer compras. Ofusca todas as belezas que existe. (JESUS, 2007, p.39)

Buscar a voz da realidade confrontada, trazendo essa história que quebra uma história única e ensina aos que a encaram pelo objeto literário, ganha alguns dos contornos mais ricos da produção nacional pela escrita de Carolina:

...Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá... isto é mentira! Mas, as misérias são reais. ...O que eu revolto é contra a ganância dos homens que espremem uns aos outros como se espremesse uma laranja. (JESUS, 2007, p.41)

Torna-se muito interessante percebermos a repetição da voz de imposição de uma vida padronizada que persegue a autora até dentro da própria obra, e o quanto o posicionamento dela se mantém em conflito contra isso, defendendo o valor literário mesmo sabendo os conflitos que se farão em sua vida em um lugar que só alimenta uma perspectiva de existência para uma mulher negra e pobre como ela:

(...) O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lapis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal (JESUS, 2007 p.44)

Outro trecho que ilustra o valor da escrita para confrontar a realidade, seja na fantasia ou na forma de alimentar perspectivas futuras de vida, vemos na passagem seguinte, em que escrever é alimentar um mundo que ela não pode ter naquele momento:

Eu deixei o leito às 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia. (...) Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. Fiz o café e fui carregar água. Olhei o céu, a estrela Dalva já estava no céu. Como é horrível pisar na lama. As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários." (JESUS, 2007, p. 52)

Como Chimamanda não nos deixa esquecer em sua teoria, a representatividade importa muito quando discutimos o fazer literário. Por isso, um dos trechos mais potentes da obra de Carolina Maria de Jesus trata-se da discussão de quem ela é, uma mulher negra, e o modo que confronta a história única que empurram para ela, partindo de seu desejo pela escrita para chegar na afirmação representativa da figura que representa, marcando o seu legítimo valor no mundo que não quer deixa-la existir:

..Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondiame: —É pena você ser preta. Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na

cabeça ele já sai do lugar. E indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta. ...Um dia, um branco disse-me: —Se os pretos tivessem chegado ao mundo depois dos brancos, aí os brancos podiam protestar com razão. Mas, nem o branco nem o preto conhece a sua origem. O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém. (JESUS, 2007, p. 58)

Afirmar seu lugar no mundo é confrontar a história limitante que nos empurram pela padronização das pessoas em uma sociedade baseada no capital, no valor do dinheiro, e não das pessoas: “Um sapateiro perguntou-me se o meu livro é comunista. Respondi que é realista. Ele disse-me que não é aconselhável escrever a realidade” (JESUS, 2007, p. 96).

A perspectiva de modificar pela literatura a realidade triste que confronta em seu dia a dia na favela do Canindé vai ganhando ainda mais força na obra, conforme vamos avançando dentro do diário, e reflexões fortes como a que apresentamos a seguir aparecem com mais propriedade na segunda metade do livro:

Quando eu passava na Avenida Tiradentes, uns operários que saíam da fabrica disse-me: — Carolina, já que você gosta de escrever, instiga o povo para adotar outro regime. Um operario perguntou-me: — E verdade que você come o que encontra no lixo? — O custo de vida nos obriga a não ter nojo de nada. Temos que imitar os animaes. (JESUS, 2007, p. 100)

Como preconiza Chimamanda Ngozi Adichie, as vidas que são silenciadas merecem ganhar voz dentro das páginas dos livros, e Carolina Maria de Jesus sabe muito bem dessa força:

28 DE MAIO

...A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro. (JESUS, 2007, p.147)

Como preconiza Antonio Candido, as vidas representadas nas páginas dentro dos livros podem auxiliar que os leitores aprendam, de maneira mais forte e dinâmica, a respeitar as vidas diferentes das suas, sabendo reconhecer que o livro

de suas vidas também se transformam ao ter essa possibilidade de confrontar outras formas de existir.

Se, como fala Carolina Maria de Jesus no final do livro, “quem escreve gosta de coisas bonitas” (JESUS, 2007, p. 161), a representatividade levantada por Chimamanda e o poder de transformação discorrido por Candido podem ser os propulsores de belezas antes não vistas ou ouvidas, e que precisam chegar a todos, assim como a história dessa autora tão necessária para compreendermos não só o país em que vivemos, mas, também, onde podemos chegar através do fazer literário.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise do nosso objeto de pesquisa, compreendemos a importância de uma autora como Carolina Maria de Jesus para o nosso meio literário e acadêmico, nos trazendo questionamentos sobre o que nos é apresentado na literatura contemporânea que, apesar das evoluções alcançadas por meio de quebras de certas modalidades de regras,

Sabemos que ainda há pouca aparição de escritores vindos de lugares marginalizados, e que nos apresentam o outro lado desconhecido, que também pode acrescentar na nossa vida, nos tornando mais humanizados, sem o olhar de pré-julgamento, mas com acolhimento.

Ao conhecermos um pouco de sua história, percebemos a importância da sua biografia, no seu trajeto literário, na luta contra as dificuldades que precisou enfrentar para ter o seu espaço. Carolina Maria de Jesus é uma voz feminina, com riqueza de vivências, com o aflorar literário iniciado na infância com 2 anos de estudos, elucidando o papel fundamental da humanização que a literatura é capaz de produzir no ser humano, como aborda Antônio Candido.

Entendemos a função que a autora teve sobre a quebra da história única pela literatura preconizada por Chimamanda Ngozi Adichie, em que pobres e negros, marcados quase sempre com papéis relacionados a desvalorização de suas subjetividades, com a marca, muitas vezes, de desempregados, analfabetos, sem cultura, e, somente em raras as vezes, o herói, o protagonista.

Carolina passou pela miséria e, mesmo assim, conseguiu vencer, através da educação e da literatura. Embora tenha morrido na pobreza, deixou seu legado, de que é possível sim, pessoas comuns, produzirem Literatura. Sobressaiu ao seu contexto, reconheceu a sua identidade no fazer literário e não se deixou ser reduzida a conceitos limitantes sobre si, buscando seu espaço de voz no mundo. Realizou seu sonho de ter sido publicada, saído da favela e ter sido reconhecida internacionalmente, através de sua obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*.

Autora de uma vasta produção artística, escrevendo provérbios, poemas, peças de teatro, não se limitando ao gênero diário em que escreveu seu *best seller*. Ela foi capaz de abrir novos horizontes, deixando caminho as outras vozes femininas, negras, que vieram a surgir tempos depois, a exemplo da Conceição Evaristo, que faz parte do nosso meio acadêmico atual.

A pesquisa da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* nos possibilitou a abertura de novos horizontes. Sua literatura nos fez refletir a importância da literatura de pessoas comuns, que contribuem para a reflexão da sociedade sobre política, desigualdade, esquecimento, poética cotidiana, fantasias, valor as coisas simples, que, por estarmos tão concentrados em nós mesmos, pouco valorizamos.

5 REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. “O perigo de uma única história”. 2009. Disponível em:

https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt Acesso em: 15.10.2021

CANDIDO, Antonio. “A literatura e a formação do homem”. Remate de Males – Antonio Candido. **IEL/Revista do Departamento de Teoria Literária da UNICAMP**, p. 81-89, 1999.

CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”. In: **Vários escritos**. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 1988, p. 169-191.

CANDIDO, Antonio. Entrevista concedida a Comunidade Educativa CEDAC. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4cpNuVWQ44E> Acesso em: 19 jun. 2021.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Vinhedo: Editora Belo Horizonte / Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2012.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. **ESCRIPTA**, Belo Horizonte, v.13, n.25, p.17-31, 2º sem. 2009.

FARIAS, Tom. Carolina Maria de Jesus. In: FARIAS, Tom. **Escritos negros**: crítica e jornalismo literário. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2020.

FRAZÃO, Dilva. Biografia de Carolina Maria de Jesus. Ebiografia, 2021. Disponível em: < https://www.ebiografia.com/carolina_maria_de_jesus/> Acesso em: 15.10.2021

PENTEADO, Gilmar. A árvore Carolina Maria de Jesus: uma literatura vista de longe. *In*: DALCASTAGNÈ, Regina e EBLE, Laetícia Jensen. (Org.) **Literatura e Exclusão**. Porto Alegre: Zouk, 2017. p.239-249.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: Diário de uma Favelada. São Paulo: Ática, 2007. 173p.

LEVINE, Robert M; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

MACHADO, Marília Novais da Mata. "Os escritos de Carolina Maria de Jesus: determinações e imaginário". **Psicologia & Sociedade**; 18 (2): 105-110; mai./ago. 2006.

DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos (orgs.). **Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea**. Porto Alegre: Zouk, 2015. (Coleção Estudos de Literaturas Contemporâneas).